

POVO TERENA DA ALDEIA IPEGUE: COMEÇA UMA HISTÓRIA

Sandra Ventura Domingo

RESUMO: A linguagem exerce sobre o homem, desde os primórdios, certo poder de atração, um fascínio exacerbado. A linguagem tem o poder não só de nomear, criar, transformar o universo real, mas tem o poder também, de propiciar a troca de experiências, de promover o conhecimento. Através da linguagem podemos retomar o passado, tempos remotos, o presente e o futuro. Todavia, a linguagem verbal nada mais é do que senão, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. A pesquisa em pauta, é o resultado parcial da minha pesquisa de campo para o Trabalho de Conclusão de Curso e, tem por objetivo, por finalidade, promover um resgate história de toda a trajetória percorrida por um povo para se chegar ao que somos hoje e nesta perspectiva caracterizar marcas identitárias que permeiam hoje, a cultura, a tradição e os costumes dos moradores da minha aldeia, desde os anciãos aos mais jovens. As fontes de pesquisa são primárias, partindo de pesquisas de campo com a obtenção de registros escritos, orais e fotográficos. Secundárias a partir de leituras de material bibliográfico. A relevância deste trabalho dar-se-á especialmente ao fato da pesquisadora ser da etnia Terena e, desse conjunto de fatores decorre necessariamente fatos históricos que servem para contextualizar o leitor e informá-lo corretamente a despeito da cultura de um povo e como atuamos de forma participativa, significativa e essencial para o desenvolvimento do país, e que, o que conquistamos por direito e mérito, nos é negado até hoje. A dignidade.

Palavras-chave: Resgate cultural, Ideologia, Dignidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Toda e qualquer forma de linguagem é essencial para que o homem possa entender e se fazer entender, podemos afirmar que uma língua não é simplesmente um conjunto de sons, ou unidades significativas prontas para serem pronunciadas. Vai muito além de ser apenas um veículo de comunicação, é antes de tudo, um comportamento social e esta intimamente ligada à vida, à cultura, aos costumes e à história de um povo. São os dizeres, a maneira particular de ser de cada povo, os valores, as crenças, as religiões e, tudo mais que estiver intrinsecamente ligado a um povo, que faz com que sejamos tão diferentes em nossa particularidade ou semelhantes, todavia, singulares. É neste contexto de linguagem que venho apresentar meu trabalho, uma vez que a história do nosso povo está presente apenas na memória dos mais antigos e que a tradição oral vem se perdendo com a morte dos anciãos, portanto a pesquisa em pauta tem por finalidade promover através da linguagem oral e escrita, um resgate cultural, delineando através da história, toda a trajetória de um povo, mais especificamente, o povo Terena da aldeia Ipegue.

1. OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

As populações indígenas no Brasil não constituem um grupo fechado, são formadas por vários grupos, diferentes entre si, do conjunto de populações descendentes dos colonizadores europeus, dos escravos africanos e dos imigrantes que aqui se instalaram em diferentes épocas. Tais como os italianos, árabes, espanhóis, alemães, dentre outros. Assim sendo, a nação brasileira é constituída por estes povos e os diferentes povos indígenas. A história advoga a idéia de que a ocupação do território americano pelos grupos indígenas é anterior à chegada dos europeus no continente e foi sendo feita lentamente, por migrações de populações indígenas diferentes, que estabeleceram contato entre si e trocaram experiências, estabelecendo assim, alianças que enriqueceram nossas heranças culturais ou então, através de guerras, no intuito de dominar áreas mais férteis ou de fácil comunicação.

Fato que implica em entender a premissa de que a população indígena no Brasil é constituída por diversos povos, diferentes entre si, com usos de costumes e crenças próprias e que falam línguas diferentes, como já havia sido dito anteriormente. Diferença esta, assegurada por lei, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, Artigo 231, que diz: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e

os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

Sabemos que o Estatuto de 1973, que diz dos direitos e deveres do índio, quanto a Constituição de 1988 e, mais recentemente a 169, quando em 2002 foi realizada uma Convenção Mundial em Genebra, promovida pela Organização Internacional do Trabalho, a qual se tornou lei e foi ratificada pelo Brasil em 2003, asseguram-nos o direito a uma educação diferenciada, acesso à informação e a cultura. A 169 diz que além do Estado ter o dever de disponibilizar os serviços, Ele, deve propiciar meios para que o índio tenha acesso a esses, serviços, a essas informações. De acordo com o último censo, existem hoje no Brasil, aproximadamente 200 povos indígenas que falam 170 línguas diferentes, o que corresponde segundo estimativas, a 250 mil pessoas.

1.2 RAÍZES TERENA

Para melhor entender a história do Povo Terena, é necessário recorrer à história de vários outros povos, tanto indígenas, como também povos europeus, africanos e seus descendentes. Pois bem, são quatro os grandes troncos lingüísticos indígenas: Aruák, Jê, Karib e Tupi. Os Terena, assim como outros povos indígenas, ocupa várias regiões do país e das Américas, podendo, assim, sermos identificados através de pontos marcantes da nossa cultura, tal como: o artesanato, incluindo objetos de cerâmica, de tecelagem, instrumentos musicais, etc. Esses objetos revelam muito a respeito dos hábitos e costumes dos antigos e que, hoje, não existem mais. Podemos também, recorrer a textos escritos, desenhos, pinturas e fotografias. Estas últimas, muitas vezes feitas por purutuyé, em diversos momentos em que estabeleceram contato com o nosso povo. O relato oral dos antigos, também constitui uma fonte riquíssima da cultura e sabedoria do “meu povo”.

A língua Terena descende do Aruák, como também a língua falada pelos Kinikinaw e Laiana e, por isso mesmo, conservam vários elementos em comum. Sendo assim, a tradição oral, a mais importante fonte que se tem para conhecer parte da história mais recente e também do passado de um povo. Através da Língua do nosso povo, é possível localizar onde vivíamos antigamente e, principalmente, conhecer mais sobre nossa própria origem. O nome Aruák vem dos povos que habitam a região das Guianas, próxima ao norte do Brasil, karib vem dos povos que habitam a região do Caribe. Acontece que, quando os europeus começaram a ocupar as Américas, esse dois povos indígenas começaram a disputar espaço entre si. Explicando assim, a presença dos Aruák mais ao sul das Américas. A partir

deste fato, cabe a explicação de que existem povos indígenas que descendem do Aruák que vivem na Amazônia da Bolívia, no Estado do Mato Grosso e na região do rio Xingu e povos que descendem do Aruák que vivem mais ao sul do Continente, são os Terena.

Na concepção de Saussure a linguagem é “heteróclita e multifacetada”, uma vez que abrange vários domínios; é ao mesmo tempo física fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual e social; “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (1969; p17). Saussure separa língua de linguagem, ele considera a língua um objeto unificado e suscetível de classificação, ou seja, a língua é parte essencial da linguagem, “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (1969; p17).

A língua seria ainda, nas palavras de Saussure (1969), “um sistema de signos”, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. Seria “a parte social da linguagem”, exterior ao indivíduo; não poderia ser modificada pelo falante e obedeceria às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade. Permanecemos sob a óptica de Saussure, que separa a língua da fala, de acordo com ele, a fala é um elemento da língua e um ato individual, resultante das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua e que se expressa pelos mecanismos psicofísicos necessários à produção dessas combinações, ou seja, língua no sentido amplo e fala restrita a cada indivíduo.

Numa outra definição do que seja língua, Chomsky (1957; 13) afirma que: “Doravante considerarei uma língua (gem) como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

Segundo Chomsky (1957), todas as línguas naturais; sejam na forma falada ou escrita, linguagens, no sentido de sua definição, uma vez que toda língua natural possui um número finito de sons e de letras em seu alfabeto, caso haja um alfabeto para a escrita e que embora possa haver um número infinito de sentenças distintas na língua, cada sentença pode ser representada como uma seqüência de sons ou letras.

Chomsky não menciona a função comunicativa das línguas, naturais ou não. Não menciona nada a respeito da natureza simbólica dos elementos ou de sua seqüência. Sua intenção é chamar a atenção para as propriedades puramente estruturais das línguas e sugerir que tais propriedades podem ser investigadas numa perspectiva matematicamente precisa.

A maior contribuição de Chomsky para a lingüística foi ter atribuído ênfase especial ao que chama de dependência estrutural dos processos pelos quais se constroem as sentenças nas línguas naturais e ter formulado uma teoria geral da gramática que se baseia em uma definição particular desta propriedade.

A maioria dos lingüistas adotou a visão de que as línguas são sistemas de símbolos projetados para a comunicação. É bem verdade também que a língua é composta por propriedades tais como a arbitrariedade, flexibilidade e capacidade de modificação, independência de estímulos e dependência estrutural.

É relevante que se tenha conhecimento sobre o lugar de origem de uma pessoa pelo fato de que as línguas têm elementos comuns, e pode-se notar que cada povo recebe várias influências, de vários povos, dependendo da sua localização. Sabemos que a língua em contato com outros povos, está sempre em movimento, um processo que nunca cessa e, por isso mesmo, está sempre se modificando, sendo modificada.

No caso do povo Terena, não é diferente. Por se tratar de um povo que estava sempre em êxodo, em contato com outros povos, outras culturas, outros costumes, nossa língua difere dentro da nossa própria etnia. E é por isso mesmo que, o Terena falado em Lalima, contém algumas diferenças do Terena falado no Ipegue, por exemplo. É sob a concepção de que a língua também seja uma instituição social, necessária para possibilitar a comunicação, que apresento a história da origem da aldeia Ipegue.

1.3 OS TERENA E OS GRANDES TRÊS MARCOS NA HISTÓRIA DESTE POVO

Todo povo tem momentos importantes marcados por acontecimentos que levam a mudanças profundas na vida de toda a comunidade. Na vida do povo Terena não foi diferente e esses momentos são lembrados até nos dias de hoje, na memória dos mais antigos. São três, os grandes momentos na história do meu povo.

O primeiro se refere à saída do Povo Terena do Chaco, Êxiva para os Terena, atravessando o rio Paraguai em marcha à região onde hoje é o nosso atual Mato Grosso do Sul. Este foi um longo período, com migrações que foram feitas em todo decorrer do Século XVIII. Ocupávamos um vasto território, dedicando-nos à agricultura, foi nesse período também que alianças importantes para a nossa sobrevivência foram feitas com os irmãos Guaicurus e, com os portugueses, este foi também, o período dos Tempos Antigos.

O segundo marco foi a Guerra do Paraguai, o momento mais significativo, de maior importância na vida do povo Terena (1864-1870). Os Terena e Guaicuru se aliaram ao

Brasil e lutaram para preservar nosso território. Ao término da Guerra, muitas mudanças ocorreram na região e, para nosso povo, essas mudanças significaram a perda da maior parte do nosso território, que passou a ser disputado pelos purutuyés. Este foi os Tempos da Servidão para nós.

E o terceiro fato importante para a nossa história, foi à delimitação das nossas reservas, iniciadas com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, chefiada por Rondon e que, até o presente momento, ainda não foi concluída. Este foi e está sendo um período marcado pela proximidade na convivência com o homem branco, com mudanças nos nossos hábitos e costumes. Assim como nos Tempos da Servidão, os Terena ainda continuam a se submeter ao trabalho para os proprietários de fazendas, “A INOVAÇÃO SÃO AS USINAS DE CANA-DE-AÇÚCAR”. O povo Terena ainda está construindo sua história, buscando maior autonomia enquanto povo, e mais direitos como cidadãos brasileiros.

1.4 OS POVOS TERENA CHEGAM A MIRANDA E AQUIDAUNA

A região do Chaco, por onde passa o rio Paraguai, ficavam próximas as minas de metais valiosos e os colonizadores europeus disputavam esse território. Portugueses e espanhóis disputavam entre si, a região do ouro e da prata. Por esse motivo, várias tribos da região foram envolvidas no conflito. Para defender seu povo e suas terras, os Terena procuraram fazer aliança com os portugueses. Os Guarani, por sua vez, com os espanhóis.

Foi neste período de guerras que várias tribos foram dizimadas. Os Terena viviam se deslocando, acompanhando seus aliados Mbaya Guaicuru para o então Mato Grosso, fato este que data do século XVIII. Assim como os Kinikinau e os Laiana, os Terena reconstruíram suas aldeias próximas ao forte Coimbra e das vilas das Serras do Albuquerque, entre os rios Paraguai e Miranda, enquanto os Kadiwéu se estabeleceram nas proximidades da Serra de Maracaju.

Os Terena foram os primeiros habitantes da região de Miranda, sim, porque na época que deixaram o Êxiva, a região de Miranda era desabitada. Só depois no século XVIII, com a descoberta do ouro na região de Cuiabá é que várias povoações foram fundadas pelos portugueses nesta região, sendo Cuiabá em 1727 e Albuquerque e Vila Maria em 1778.

Preocupadas em defender suas fronteiras dos espanhóis, portugueses procuravam garantir o domínio da região através da construção de fortes (Forte Coimbra em 1775, Forte Dourado e Presídio de Miranda em 1778) e acordos com os índios. Os espanhóis por sua vez, procuram instalar fazendas de gado para efetivar a posse da terra e expulsar o nativos.

Existem relatos de que já, nesta época, índios comercializavam com brancos, trocavam redes e panos, batatas, galinhas e porcos em objetos de metais e tecidos sintéticos.

Era importante para o homem branco, a “amizade” com o índio, pois precisavam de gente para garantir a posse das terras e para morar nas novas vilas e cidades. Além disso, precisavam também de mão-de-obra para trabalhar nas minas, nas fazendas e plantação de cana-de-açúcar e, o trabalho indígena, era uma alternativa barata.

Agindo de acordo com seus interesses próprios, a Coroa, decretou uma lei que proibia a escravização do índio, mas... Em troca, eles eram obrigados a morar em aldeias chefiadas por brancos.

A aldeia Ipegue se localiza a 6 km do Distrito de Taunay a aproximadamente 60 km de Aquidauana. Para obter a história a seguir, fui buscar informações em diferentes fontes textuais, bem como em fontes orais, contadas espontaneamente por moradores mais antigos da minha aldeia e, confesso que fiquei bastante impressionada com a precisão em que os idosos me relataram exatamente o que está escrito em livros, redigidos por purutuyés.

Não obstante, os numerosos estudos comprovam que os Terena, continuaram a viver independentemente do branco, graças à aliança com os Mbaya-Guaicuru, garantindo desta forma, a supremacia na região dos rios Apa e Miranda. O homem branco tentou várias vezes e de várias formas, estabelecer uma relação de amizade com o índio, para poder assim, colonizar suas terras. Mas os Terena resistiam bravamente a ocupação do homem branco e continuam a sobreviver da venda de seus produtos, tanto artesanais, quanto da agricultura, conforme relato logo abaixo do Sr. Florence:

“Os Guanás moram na margem oeste do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de uma língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam a maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d’África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes possuem alguns engenho de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão com que se vestem, além de redes e cintas. Industriais, vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco.” (Florence 1825-1829 apud. Bittencourt e Ladeira, 2000, p.42)

Declarada a Independência em 1822, estabeleceu-se o Império do Brasil, formando um só país. O mesmo não aconteceu com as colônias espanholas, para conseguir a liberdade, foi necessário que elas se rebelassem o que, conseqüentemente, resultou em países diferentes: Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Todavia, toda ruptura é dolorosa, amargando uns “maus bocados”. Sendo assim, houve vários conflitos entre esses mesmos países, a fim de estabelecer suas fronteiras e

territórios. Um dos pontos de discordância bastante notória e de suma importância entre eles era o direito de navegar os Rios Paraguai e Paraná, por serem importantes pontos fluviais para o comércio.

Vale ressaltar que não primamos aqui, os motivos da Guerra com o Paraguai e nem a guerra em si, mas as consequências desta guerra na vida do índio Terena, porque este fato foi um divisor de águas na cultura, vida e hábitos de todo um povo.

O Paraguai estava em plena ascensão e, era um país muito poderoso na época e, embora não possuísse saída para o mar, controlava a navegação do rio Paraguai. E por isso mesmo, começou a ter problemas com a Argentina e o Brasil, pois este era o principal ponto de ligação da região com o Oceano Atlântico e, o principal ponto de ligação do Mato Grosso com o litoral brasileiro.

A guerra implodiu em dezembro de 1864, quando Solano Lopez invadiu o Estado de Mato Grosso, sob o pretexto de que o Brasil havia ajudado a destituir o presidente do Uruguai, então aliado de Solano Lopez. Mas o que Lopez queria na verdade, era conquistar territórios para chegar ao mar.

A história indica que a invasão do território brasileiro pelo exército paraguaio foi feita por dois grupos de soldados. Um atravessou o rio Paraguai em direção ao forte Coimbra e Corumbá e outro grupo atravessou o rio Apa, em Bela Vista, e avançou em direção à Miranda e Aquidauana.

Índios e negros compunham parte das tropas brasileiras que atuaram frente à guerra. A estes negros, o imperador D. Pedro II havia prometido a liberdade quando a guerra acabasse e, aos Terena, o direito à posse de suas terras.

O povo Terena lutou no fronte de batalha na Guerra do Paraguai como já foi dito anteriormente, lutou para garantir o direito à posse de suas terras, direito esse, negado pelo governo brasileiro. Fato que marcou profundamente a história do povo Terena, deixando marcas profundas e difíceis de apagar. Como parte do conflito ocorreu em terras Terena, aldeias inteiras foram dizimadas no município de Miranda e Aquidauana, inclusive a aldeia Ipegue, indo assim, seus moradores, buscar refúgio na Serra de Maracajú e Bodoquena.

Após a Guerra, em 1870, os Terena bateram em retirada de volta às suas antigas aldeias, mas o que encontraram foi um cenário de total destruição. Suas terras agora eram ocupadas por novos “donos”, que em geral eram oficiais desmobilizados do exército brasileiro e comerciantes. O relato logo a seguir, comprova a presença dos Terena na região de Miranda e Aquidauana antes mesmo da guerra, e comprova a existência da aldeia Ipegue, cuja origem também data deste período, conforme relato do senhor Rondon:

“... depois {a linha divisória da área de Ipegue} cortou um capão com taquara, entrou novamente no cerrado, até uma lagoa seca onde começavam os Campos do Ipegue, vindo-se à esquerda 1.000 m., a tapera do Ipegue, antiga Aldeia destruída pelos Paraguaiois”... (Rondon, 1904 apud. Bittencourt e Ladeira, 2000, p.65)

Foi exatamente neste período, pós-guerra, que o governo passou a incentivar a venda de terras, terras estas localizadas em território indígena, para purutuyés vindos de outras regiões do país. Tinha como principal objetivo, acelerar o desenvolvimento, como já foi mencionado anteriormente, transformando estas terras em fazendas de gado e plantações, resguardando assim, também, suas fronteiras do país inimigo, ou seja, garantindo a posse da região.

Além de terem sido comprimidos em reservas insuficientes para o seu sustento próprio e o sustento de sua família, o povo Terena agora se vê cercado por fazendas de gado, o que lhe complicou a vida, pois este mesmo gado estava constantemente destruindo suas plantações. Não lhe restando alternativa para sua subsistência, o Terena então, vira “peão” e vai se empregar nas fazendas de gado, geralmente na condição de trabalho escravo. Os que não se submetiam, fugiam para lugares distantes, dando oportunidade assim, para que os fazendeiros oportunistas se apropriassem de suas terras. Mesmo diante desta nova e dura realidade, nunca aceitamos totalmente a servidão nas fazendas e chegamos até mesmo, muitas vezes, a nos rebelar contra os fazendeiros. Algumas poucas famílias conseguiram se manter em pequenos núcleos, comprimidos pelas fazendas e, foram esses núcleos que a Comissão das Linhas Telegráficas chefiada por Rondon, encontrou em 1904. O povo Terena aceitou ajudar na construção das Linhas Telegráficas em troca da demarcação das nossas reservas. Foi assim que, em 1905, tendo Rondon como intermediário, que algumas comunidades tiveram suas áreas demarcadas, dentre elas, o Ipegue e, só mais tarde, em 1911, sendo reconhecidas pelo SPI(Serviço de Proteção ao Índio).

O relato a seguir, foi coletado por mim através de via oral de seu Anacleto, ele reside ainda hoje, na Aldeia Ipegue e é um dos organizadores da Dança da Ema, evento do qual participa tocando uma espécie de flauta. A Dança acontece no dia 19 de Abril e, esporadicamente, em eventos que envolvam autoridades ou datas especiais.

“Meu finado pai contava que chego aqui ainda menino, em 1905, veio junto com meu avó e sua família, trazidos pelo próprio Marechal Rondon, lá do Chaco. Meu pai contava que o Marechal saiu juntando os índios Terena esparramados um pouquinho aqui outro pouquinho ali, juntou tudo e trouxe pra cá e falou: agora vocês vão morar aqui. O nome não era Ipegue. Lá na beira do rio Vonikoé tinha um pé de Figueira bem grande, onde todas as aves pousavam para dormir, e no chão ficava um monte de pena. Então aqui primeiro se chamou Epéakaxoti, que quer dizer troca das penas, renovação. Mas o

purutuyé não conseguia pronunciar Epékaxoti, falava Ipegue, e por isso ficou Ipegue. Mas a nossa aldeia não era só isso não, tinha um fazendeiro vizinho que matava vaca e fazia churrasco pros índios. Agora ninguém sabe a troco de quê. Antigamente a gente destocava no braço mesmo, para plantar, guardava umas dois bolsas de arroz e de feijão e o resto à gente levava pra Aquidauana, de reboque, pra vender ou trocar em outras coisas que a gente precisava. Guardava um pouco de milho pras criação e assim era. Eu não espero trator da FUNAI, ainda faço no braço o que agüento. O ano passado eu fiquei esperando a FUNAI mandar óleo pra gradear a terra e acabei foi perdendo o ano, porque não teve é nada!” (Anacleto Lulu, morador da Aldeia Ipegue, aos 15 dias de Fevereiro de 2009).

“Minha esposa que é daqui, eu sou lá da região de Nioaque. O pai dela contava que quando eles chegaram aqui, foi o Marechal Rondon que trouxe. Que ele ia à frente de Jipe pelas picadas, buzinando, e os índios atrás, na maiô festa, cantando e dançando! O Marechal começou a demarcar isso daqui em 1904, em 1907 ele terminou tudo.” (Seu Justo, morador da Aldeia Ipegue, em 15 de Fevereiro de 2009)

“Eu nasci em 1929 lá no Piqui. Meu pai era de lá, sempre morou lá. Depois meu pai foi embora com a família para o Cutapi. De lá é que nós viemos para cá. Essa cerca aqui do Pirizal, foi eu que ajudei o meu pai a cercar e a fazer a primeira cerca, foi nós que cercamos tudo. No Ipegue só tinha uma rua só, a rua da casa da Dona Miguelina”. (Paulo Domingos, morador da Aldeia Ipegue, aos 13 dias de Fevereiro de 2009)

Seu Paulo Domingos é meu avô paterno, o único ancião que ainda é vivo na minha família, minha avó e tias avós, já são todas falecidas. Meu avô tem o apelido de Papa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em fechamento às idéias até agora propostas, dizemos da trajetória do povo Terena, até onde se tem notícia na história, para chegar à aldeia Ipegue e a sua atual localização. Viemos conquistando, por mérito, o espaço que hoje nos cabe, não todo ele é verdade, porque nas perspectivas da história até agora contada, há cada vez mais, o desejo implícito e muitas vezes explícitos, de tirar o índio do seu convívio e integrá-lo a sociedade, desaparecendo assim, um povo, porque talvez seja mais fácil desaparecer com um povo do que assegurar o direito a diferença. Pois bem, este trabalho me possibilitou conhecer mais a necessidade de manter vivas as lembranças da história do povo Terena. Sob meu ponto de vista, eu, enquanto educadora, preciso exercer principalmente, a função comunicativa da língua, tanto escrita quanto oral, porque só assim, possibilito o direito ao meu povo à informação. Precisamos buscar nas nossas raízes a essência da nossa existência e, fazer valer nossos direitos, que foram conquistados duramente à custa do sangue de muitos irmãos. Os

mais jovens precisam saber se hoje temos uma área, ainda que pequena, destinada a nós, para que possamos viver com dignidade, nossos ancestrais não tiveram o direito de tê-la e tinham que viver se refugiando, deixando tudo e se embrenhando no mato. Os jovens precisam estar informados, não deixar que descaracterizem nossa identidade, fazer valer nosso direito à diversidade, à saúde, à educação diferenciada e tanto outros que na sua grande maioria, não saem do papel.

REFERÊNCIAS

ATHIAS, Renato org.; PINTO, Regina Pahim org. Estudos Indígenas: Comparações, Interpretações e Políticas. São Paulo: Contexto, 2008.

AZANHA, Gilberto. Valadão, Virgínia Marcos. Senhores destas terras: Os povos indígenas no Brasil. 4ªed. Editora Atual, 1993.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. A história do Povo Terena. Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, C. Para Compreender Saussure – fundamentos e visão crítica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FIORIN, José Luiz. Introdução à Lingüística e Objetos Teóricos. Contexto, 2004.

GOMES, Mércio Pereira. Os Índios e o Brasil: Ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência. Ed. 2. Vozes, 1991.

LYONS, John. Linguagem e Lingüística. L.T.C., 1987.

OLIVEIRA, Roberto de. O processo de assimilação dos Terena.

O índio / Ontem, Hoje, Amanhã: O índio / ontem, hoje, amanhã: dossiê do i ciclo/ Org., de eda tassara e maureen bisilliat. São Paulo: EDUSP, 1991.